

Brasília Confidencial

- [Diminuir tamanho do texto](#)
- [Tamanho normal do Texto](#)
- [Aumentar tamanho do texto](#)

[Assine no RSS](#)

- [Home](#)
- [Eleições 2010](#)
- [Políticas Públicas](#)
- [Economia](#)
- [Movimentos Sociais](#)
- [Noticiário Geral](#)
- [Arte e Cultura](#)
- [Contato](#)

BUSCA

Economia



Depois da crise, brasileiros ganharam mais dinheiro

10/03/2010



SOLANGE BAGDADI

O brasileiro com renda familiar até R\$ 804,00, que pertence à classe E, está menos pobre, sobretudo depois da grande crise mundial, em 2008. Essa é a conclusão de uma análise feita pelo economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais, da Fundação Getulio Vargas. Com base nos indicadores recentes de renda e pobreza da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, Neri concluiu que esse segmento voltou aos níveis conquistados no período de 2003 a 2008 – a era de ouro – como prefere definir. E mais: os anos de 2010 a 2014 são muito promissores.

De acordo com o economista, já no primeiro mês de 2010, houve uma recuperação importante no bolso dos que moram nas seis principais metrópoles – São Paulo, Rio, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. A classe E, que hoje representa 17,3% da população, sofreu uma queda significativa da pobreza de 4,57%, entre janeiro de 2009 e de 2010. Já a chamada nova classe média, a C, com renda familiar de R\$ 1.115,00 até R\$ 4.808 e que foi a vedete dos últimos anos, cresceu 2,5% em 12 meses, representando 53,95% de brasileiros. Em relação ao segmento AB, que atualmente faz parte dos 15,7% dos cidadãos, foi registrado crescimento de 5,50%. “A classe mais alta foi a primeira a sentir a crise e hoje demonstra invejável poder de recuperação”, observa Neri.

Para o estudioso, um cenário tão positivo se justifica por inúmeros fatores: a crise que assolou o mundo inteiro em outubro de 2008, assustou o Brasil, mas só foi sentida em janeiro de 2009, quadro este que foi rapidamente recuperado. As políticas de incentivo ao emprego, a promoção de ações com vistas ao mercado de trabalho, a oferta de créditos e de programas sociais, principalmente para as camadas menos favorecidas, foram os grandes diferenciais. “Os empresários estão apostando mais e o emprego formal está crescendo. Quem segurou estoques e dispensou mão de obra por conta das crises, este ano terá que fazer reposição, material e humana”, brinca Neri, que segundo ele, o cenário para até 2014 não é menos auspicioso. “Teremos uma expansão mais sustentável, baseada na renda advinda do crescimento do mercado de trabalho. E o Nordeste poderá ser uma grata surpresa, a despeito dos que pensam que aquela população só sobrevive de programas sociais. Há muita coisa acontecendo por lá, além do eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte”, prevê o pesquisador.

[Voltar](#)

[Informações Institucionais](#) | [Contato](#) | [RSS](#)